

DO SOMBRIO PARA A LUZ



Parece que o bacharel Quadros (António de Castro e Quadros Ferro) não gostou da caricatura de **O Burro-em-Pé** de 10 do corrente. Dizia eu lá que ele tinha **A Tal Maneira (filosofante) de Estar no Mundo**, ou seja, a do (civicamente) «orgulhosamente só», visto que por toda a parte o ouvia declarar que não tinha grupo e era franco-atirador.

Bem, e depois que escrevinhei eu mais? Ah, umas brincalhotices. Universalidades lusitanas, sedução de A Viagem, missão de A Descoberta... coisas que por acaso até transcrevi (e sem falha de hífen) do hoje a ne d o t á r i o universal **Que É O Ideal Português** (p. 35) da autoria do ilustre pensador. Fui pouco claro? Pronto, prometo n o u t r o **Burro-em-Pé** a p r e s e n t a r exemplos mais cativantes, recortados do pinsamento do artista. Coisas como estas: «Portugal não é um país europeu. O Oriente está no Ocidente. A terra resolve-se em mar.»

E isto não é truncado. Vem mesmo assim numa das sínteses programáticas do Movimento da Cultura Portuguesa, revista **57** dirigida por António Quadros, n.º 11, ano V — onde ainda há mais, e melhor. Por estas e por outras é que, na minha crónica, o bacharel delirante aparece pendurado com **punaises** na Ponta de Sagres, a recitar o mar e a baralhar a geografia.

Mas está certo, não devo ter sido muito claro, — e compreende-se: é que tendo lido na revista **57**, de António Quadros, e sem viciação de contexto,

— que «Essencialmente e existencialmente o homem português representa o tipo do descobridor. Lusitano, luso ou lusíada: o homem da luz, o que parte ou viaja do sombrio para o luminoso.» — (n.º 8)

— que «No mundo há quatro, cinco pátrias não mais.» — (n.º 11) e etc., baralhou-se-me o entendimento e, zás, saiu aquilo: Quadros numa maneira especial de es-

tar num mundo de cinco pátrias, não mais; Quadros orgulhosamente só, a preparar o salto do sombrio para o luminoso.

Mas áque-del'rei, que o bacharel não gostou. Perdeu o **fair**, deu-lhe a mosca. Saltou à praça das letras (**Diário Popular**, 18 crte.) e duma cajadada matou cinco escritores, com particular preferência por José Cardoso Pires que não se sentiu honrado coisa nenhuma com o facto.

Apregoou então o ofendido lusíada que toda a minha prosa tinha sido construída sobre a **falaccia accidentis** (de que deu a respectiva definição de compêndio) terminando por declarar que eu era o Burro-em-Pé por uma pinta. Esta, então, tirou-me o sono. Como é que um escolar de tã os b o n s princípios de educação, não é verdade?, chama assim nomes às pessoas? Não se faz. Deus, Pátria e Família não ensinam dessas maneiras. Além de que é preciso realmente muita imaginação para, num folhetim intitulado **O Burro-em-Pé**, d e s a r r i n c a r um argumento **ad hominem** como aquele. Não esperava. Confesso que não esperava.

Está visto: tendo perdido o **fair**, cortou a direito e enfiou pela **Cartilha do Marialva** com a voracidade da marabunta. Em corrida feroz, no ver se te avias, pinote aqui, dentada acolá, **ab irato** (como ele diria no seu eruditismo de já lá vai o tempo) meteu-se naquela selva, acabando por concluir que se tratava da pior obra até hoje redigida na pátria de António Quadros. Como autor, muito agradecido.

Ora eu não vou discutir a **minha** (sublinhado) obra com o crítico Quadros. (Não estou para o fazer sair do sombrio como escritor.

E naturalmente não me interessa a opinião dele a meu respeito: o que me interessa é a minha a respeito dele. Com Quadros, com o

crítico Quadros, com o h i s t o r i a d o r Quadros, com o filósofo Quadros, com o contista Quadros, com o poeta Quadros, com o cronista Quadros, com o teórico de ballet Quadros, com o pedagogo Quadros, com o locutor de arte Quadros — só a brincar e em tom de **Burro-em-Pé**. No entanto, como escreve por tanto lado e existe na televisão (e oxalá que por longos anos e bons) talvez proponha ao meu editor que passe a anunciar a **Cartilha do Marialva** como

«UM LIVRO INCRÍVEL» — António Quadros

E não faltarão compradores.

Isto no que toca à minha literatura. No que diz respeito à obra do bacharel limito-me a tomar nota da opinião de um dos escritores chacinados, segundo a qual

«QUADROS É UMA FIGURA ÍMPAR DA CULTURA PORTUGUESA» porém «NÃO INTELIGENTE.»

Daí lavo as minhas mãos.

Não-inteligente mas independente? Diz que sim, é a fama que corre. Ele próprio garante a todo o passo que (**Diário de Notícias** 29-X) não vai em grupos nem «ismos», que é um homem na «brega» e também (**Diário Popular**, 18 crte.) um intelectual de convívio aberto e sócio-fundador da Soc. Portuguesa de Escritores.

Aqui peço licença:

Homem sem grupo («Não conheço o orgulho de pertencer a uma corrente ou um grupo.» — in **Diário de Notícias**):

Então o Movimento 57 onde durante 5 anos o lusíada Quadros encabeçou a cruzada de pôr a gente todos a pensar como deve ser, com revista doutrinária, manifestos colectivos e projecto, até, para um Colégio Português das Artes? Não é grupo? Não é corrente?

Então a iniciativa de O

Ideal Português que António Quadros comandou de cruz e trombeta sustentada? Ainda que inclua opiniões divergentes no pormenor (como todas as correntes, como todos os grupos) não envolve uma concordância nos pontos básicos?

Homem na «brega» (in **Diário Popular**)

Na brega onde e como?

Na **Acção**, revista de Manuel Múrias, onde colaborou com Alfredo Pimenta, Plínio Salgado, Re Videira Pires, Cunha Leão, etc.? No **Graal**, revista de António Manuel Couto Viana, com Amandio César, Goulart Nogueira, Agustina Bessa Luís, etc.? No **Acto**, com António Manuel Couto Viana, Álvaro Ribeiro, Cunha Leão, Orlando Vitorino, etc.? No **Rumo**, com João Ameal, Cunha Leão, Álvaro Ribeiro, Amandio César, etc.? Na **Espiral**, com Amandio César, Álvaro Ribeiro, Cunha Leão, P.e Videira Pires, etc.? No **57**, com Cunha Leão, Álvaro Ribeiro, Orlando Vitorino, Agustina Bessa Luis, etc.? No **Tempo Presente**, com António Manuel Couto Viana, Goulart Nogueira e por aí fora?

Com tanta figura repetida até parece que o bacharel tem passado a vida a jogar com o mesmo baralho numa sala de espelhos. E isso deve ser divertido como burro.

Bem, mas Quadros não tem grupo. Se, do sombrio para a luz, aparece como colaborador quase sistemático de revistas de definida tendência ideológica é como franco-atirador. Sempre em guerrilha individual e a disparar ideias só dele. Independente e desoficializadíssimo. Homem «na brega». Como palestrante na Emissora Nacional e na Rádio Nacional de Espanha, como colaborador do S.N.I. (rev. **Panorama**) e assistente cultural das Casas do Povo sempre repudiou os «ismos» e a Política que é tão má conselheira. Rótulos e definições são comodi-

Continua na página quatro



DO SOMBRIO PARA A LUZ

Continuação da página três

dades de circunstância que só podem caber aos espíritos lineares ou às mentalidades apressadas.

Porque, já lá dizia Quadros na epístola de domingo do **Diário de Notícias**, dirigida aos profanadores da Cultura e aos irmãos de má fé: «Resvalam por mim as classificações em que me querem catalogar (que ditadura!)» E noutro texto de resignação (**Diário Popular**, 18 crte) declama a sua carta de princípios, segundo a qual nunca praticou agressões verbais, exprimiu juízos para liquidar ou manifestou desprezo e intransigência **Laus Deo**.

Mas, o que são as coisas!, ele a prégar isto e o diabo a pô-lo à prova com uma data de calúnias desfrechadas de cinco partes distintas que é o número máximo de pátrias c o n s e n t i d o pelo movimento **57**.

Aí espinoteou. A i n d a tentou serenar, invocando os mártires do pensa-

mento independente e agitando o lema de que jamais deixou de «respeitar os pontos de vista alheios», mas de repente, não resistiu e, vai disto: resvala. Desata a insultar os alheios, chamando-lhes denunciante, censores, polícias das letras e trinta por uma linha. Saiu do sombrio para o luminoso, quer isto dizer.

Bem entendido que as acusações foram em generalização de pancada vesga e que só enfia a carapuça quem tenha cabeça onde lhe caiba. Mas de qualquer maneira: chó! — porque desconfio que a carapuça é dele e que a quer enfiar nos outros. Pela parte que me toca mais devagar:

A denúncia:

Que se conclui do artigo do Burro-em-Pé? Que o bacharel é do Ideal Português dele, penso eu.

E como responde o Magnânimo Q u a d r o s? Apontando este escritor, eu, como **socializante** (sic) aquele como **mate-**

rialista internacionalista e anti-lusitanista (sic, também) e a todos como «sombrios representantes de um novo obscurantismo já ensaiado nos vários totalitarismos.»

Quem é então que denuncia, senhor bacharel de mãos papudas? Quem é que, acusando assim na pátria do ideal português, é o polícia das letras? Não tem vergonha?

A Censura

Aqui lembra-se que o bacharel é membro do Conselho de Leitura das Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian. Que é sua profissão seleccionar obras (e autores), recomendar ou não a compra e o quantitativo de exemplares. Que deste conselho depende até o equilíbrio de algumas editoras — mas não me vou alargar sobre este ponto, por enquanto.

Pergunto apenas: Quem é que pode fazer silêncio sobre o escritor? Quem é que censura?

O Método Convencional

Sabe-se, é das regras do medo, descobrir o «putch» na pólvora seca e inventar conspirações onde se sabe que as não há. Assim fez o bacharel. Depois de apontar os

réus como ideologicamente suspeitos, sugere que se trata de «uma planificada campanha de descrédito» (sic).

Já agora, a soldo de que potências?

O Pecado venial: «praticar agressões verbais e juízos para liquidar.»

Além de Burro-em-Pé (esta custou-me, doutor!) e de traquinices correlativas, bacharel Quadros ensaiou ainda uma outra cangochasita, enfiada à meia volta para deitar por terra o socializante. Por exemplo, sugere que a falta de escrúpulos do dito foi ao ponto de se infiltrar numa editora católica como director literário para fazer a promoção do seu livro num cocktail de banqueiros e corrupções capitalistas.

Como António Alçada Baptista ainda hoje não sabe que eu alguma vez tenha sido director literário da firma dele (visto que esse cargo lhe pertencia) é capaz de ficar ofendido e deixar de me editar. Se isso acontece lá tenho eu de seguir a tática do bacharel para arranjar editor — isto é: ou criar uma revista-editorial que me publique, ou propor-me para director literário de qualquer editorial «Tempo» oferecendo carta de garantias,

ou ganhar trono na Gulbenkian. Coisas...

Quanto ao cocktail que a editora Moraes ofereceu para anunciar a publicação de todas as minhas obras e o lançamento de novas colecções foi igualzinho (como sabe) aos cocktails que aqui se fazem nas exposições de artes plásticas e lá fora (eu próprio já os tive) na apresentação de um escritor. Então? Onde está o mal?

Vestindo a túnica de cidadão de Plutarco o bacharel passeia-se pela Comarca, de **walkie-talkie** a trabalhar em frequência independente. Foi nesse comprimento de onda que o quis ver durante alguns minutos. Como Galaaz no distraído, homem (que não está) na «brega», dialogador (não) civilizado, espírito (artificialmente) sem «ismo». Nunca como redactor de livros ou de papeis, era o que faltava!

Porque Quadros tem como reza o seu bom **57** a suma glória de estar numa das quatro, cinco pátrias não mais deste nosso mundo desorganizado — mas começa a deslocar-se do sombrio para a luz. Para a luz. Para a luz.